

VILÉM FLUSSER

Dois são os polos entre os quais oscila esta poesia: a Grécia e a Lua. Mas por se polarizarem, adquirem ambos um colorido supprendente. A Grécia, que é para nós a aurera da nossa cultura, é banhada nesta poesia na luz prateada da noite. A lua, que é para nós um símbolo do romantismo, revela a sua face "oculta", a sua face clássica, nesta poesia. Nisto me parece residir o encanto dos poemas: no casamento entre a severidade serena e clássica das belas formas, e a sensibilidade apaixonada e romântica do misterioso.

O casamento da estrutura com o fluir urgente, o casamento de Helena com Fausto, resulta muitas vezes, como sabemos da história, numa noite clássica de Walpurgis. Não na presente poesia. Aqui o seu resultado é suave e doce como o abraço da morte. Por mais que recorra em sua linguagem a imagens violentas, percorre esta poesia no leito dolente do rio manso daquela vida que dá manda, ansiosa e amante, o oceano da morte. É uma poesia feminina, porque é uma articulação da face passiva, passional e apaixonada das nossas mentes. Está aberta para a morte, mas não se rebela. Não procura opôr-se, nem procura impôr-se. Entrega-se e rende-se ao Príncipe das trevas. Há portanto um ar curiosamente oriental nesta poesia aparentemente tão voltada para as raízes do Ocidente. É como se estes poemas nos tivessem colocado em ilha, da qual podemos ouvir o lengüinquo marulho das marés altas e baixas da nossa história turbulenta, mas na qual estamos a salvo e abrigados dele. É isto é o efeito desta poesia: retirar-nos do turbilhão do cotidiano, e mergulhar-nos nas profundezas das nossas fontes.

A beleza desta linguagem, e o espírito espantado pelo mistério que nela se articula, levam e nesse pensamento nas ondas do mar e do amor, "des Meeres und de Liebe Wellen", até o porto do esquecimento. Assim emergimos, levados por esta correnteza misteriosa, do insignificante de todos os dias para penetrarmos o reino do significado, aquele reino, do qual é possível falar-se apenas poeticamente.